



Sobre símbolos e rituais: uma revisão conceitual antropológica

Resumo

O presente ensaio destaca – a partir das discursões que foram objeto de investigação antropológica –, a importância dos rituais como também os símbolos neles dramatizados. O objetivo é pontuar a sua relevância nos vários contextos sociais, destacando o religioso. Pelo exposto fica claro que todo ritual tem importância significativa para sociedade no qual é executado; pois a partir dele se pode conhecer melhor a identidade de um povo em particular, com todas as suas peculiaridades. Ademais, de acordo com o pensamento de autores clássicos da antropologia como, Perianto (2003), Leach (1996), Turner (2005), entre outros, os rituais são importantes porque apontam normas de ajustes sociais. Portanto, destaca por meio de sua linguagem, seus aspectos morais, seus valores, enfim um modo de vida particular de um grupo com sua visão de mundo que consiste no conhecimento que os indivíduos têm sobre si, sobre as coisas e a sociedade na qual estar inserido.

Palavras-chaves: Ritual. Símbolo. Linguagem. Identidade.

Abstract

This essay highlights - from the discourses that were the object of anthropological research - the importance of rituals as well as the symbols dramatized in them. Objective is to highlight its relevance in the various social contexts, highlighting the religious. From the foregoing it is clear that every ritual is of significant importance to the society in which it is performed; because from it one can better know the identity of a particular people, with all its peculiarities. In addition, according to the thinking of classic authors of anthropology such as Perianto (2003), Leach (1996), Turner (2005), among others, rituals are important because they point to norms of social adjustments. Therefore, it emphasizes through its language, its moral aspects, its values, finally a particular way of life of a group with its vision of the world that consists in the knowledge that the individuals have about themselves, about the things and the society in which to be inserted.

Key words: Ritual. Symbol. Language. Identity.

Eval Cruz
Graduado em História e
Mestre em Antropologia
(PPGA/UFS).
E-mail:
evalc07@gmail.com

Introdução

Pode-se afirmar seguramente que já faz muito tempo que antropologia tem se ocupado em estudar temas que instigam a imaginação humana como os ritos, rituais, símbolos, entre outros. Eles integram e acompanha o ser humano em vários aspectos de suas vidas; seja na esfera religiosa, seja em aspectos sociais como um todo e estão presentes em todos os agrupamentos humanos, desde os mais simples aos mais sofisticados que se conhece. Porém, frequentemente nossos contemporâneos, muitas vezes desatentos aos rituais e toda a sua simbologia, consideram-no como fenômeno distante da sua realidade; não percebendo, pois, a sua real importância no contexto atual. Por esse viés, o presente texto se preocupará em demonstrar a importância dos rituais, como de seus símbolos, não como fenômeno social que ficou preso ao passado, mas que se apresenta durante a trajetória de vida de cada um enquanto membro de um grupo em uma dada sociedade. Ritual aqui é entendido como sendo transmissor de um legado que revela muitas das particularidades de um dado grupo (PEIRANO, 2003)¹

Figura 1: Momentos festivos realizado pelo Terreiro Santa Bárbara virgem na cidade de Laranjeiras/Sergipe.



¹ As fotos presentes nesse ensaio, captam momentos dos *Rituais Festivos* realizado pelo *Terreiro Santa Bárbara virgem* na cidade de Laranjeiras/Sergipe. A primeira imagem, destaca uma criança e a Aluxa – sacerdotisa do terreiro –, que acabara de fazer seu solo na Latada e ao encerrá-lo, recebe do menino, como também de todo o corpo de membros, uma moeda corrente; já quando o dançante faz sua performance e a encerra dançando com a Aluxa, ela o presenteia com uma moeda não corrente que, para os acreditam, tem uma potência mágica por ter passado por um ritual e, por isso, é cuidadosamente guardada pelo fiel. Percebe-se ainda em segundo plano, o corpo de membros e a orquestras de tambores e cabaças. O ritual aqui é conhecido, entre os membros do grupo como primeira roda, momento em que os integrantes fazem um solo na Latada –, espaço destinados às festas públicas no Terreiro Santa Bárbara Virgem ou Nagô de Belina, como é carinhosamente chamado por muitos. As imagens foram produzidas e cedidas pelo fotógrafo *Diering Adler (UNIT/SE)*.

Alguns nomes importantes da antropologia como Van-Gennep (1978), Victor Turner (2005), Durkheim (2003), Geertz (1978), Edmund Leach (1996), Mariza Peirano (2003), dentre outros, se debruçaram sobre o estudo dessas temáticas. Percebe-se que dentre os autores citados, há aqueles que se dedicaram mais na investigação dos rituais, enquanto outros se interessaram mais em destacar os símbolos. Contudo, independe da escolha feita pelos estudiosos, compreende-se que foi a partir do exame investigativo efetuado por esses autores que houve uma maior compressão da questão em foco. Seguindo por esse entendimento, os estudos que foram produzidos sobre símbolos, ritual e rito, estarão sendo empregados para enxergarmos melhor o valor que se deve atribuir aos rituais nos vários contextos sociais. Neste sentido, se Gennep (1978) traz “[...] o seu entendimento de ritual, decompondo-o em partes invariantes, que poderiam ser mudadas de acordo com aquilo que o grupo desejasse realizar[...]; Turner (2005) o concebeu como “[...] como uma conduta formal sendo referenciado por crenças em poderes místicos [...]”; enquanto Durkheim (2003) seguido por Geertz (1978) delinea “[...] seu pensamento sobre símbolos e, de acordo com o entendimento de Leach (1996), ritual é visto como uma linguagem por meio da qual os indivíduos dizem algo sobre o grupo” (CRUZ, 2012 p.79). Todavia, adotando a proposta de Stanley Tambiah (1985) – que se destacou pelo estudo dos rituais –, Peirano sintetiza e clarifica *Ritual e Símbolos* num mesmo contexto ao afirmar que:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotípiã (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como ‘performativa’ em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz ‘sim’ à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo] (PEIRANO, 2003 p.11).

Peirano informa que em todo tempo e lugar a vida é sempre marcada pelos rituais. Nesse sentido, para a estudiosa, os rituais são fenômenos especiais em uma sociedade; pois, por meio de sua linguagem revelam e apontam os aspectos particulares de um dado grupo de indivíduos e os expande; ademais, os rituais transmitem valores sendo também importantes na/para resolução dos conflitos sociais.

1 Sobre símbolos e rituais

Ao apresentar a obra *Ritos de Passagem*, Roberto da Matta (1978) esclarece que, em grande parte, a compressão que a antropologia tem hoje sobre os rituais se deve a Van-Gennep (1978), visto como um dos pioneiros no estudo ritual e grande instigador de outros importantes antropólogos que se empenharam também em analisar tema tão relevante. Ele explicou que os rituais podem ser analisados decompondo-os em ritos de “separação, margem e agregação”. Na primeira fase – *separação* –, a pessoa é afastada simbolicamente do grupo. Na fase subsequente – *margem* –, a pessoa “está em transição, logo, suspenso das regras morais”. Nessa etapa o neófito é simbolicamente morto para que possa nascer e tomar um novo lugar “[...] na sociedade da qual faz parte. A



agregação é a última fase, que consiste na consumação da passagem de um estado a outro, na qual o indivíduo assumirá outra postura perante a sociedade” (CRUZ, 2012 p.83).

Figura 2: *Alóxa* segurando bastão durante ritual público (Exó) e Dogum - espada de metal insígnia de Ogum.

Neste sentido, Van Gennep (1978 p.157) entendeu e didaticamente resumiu que: “[...] para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagrega-se e reconstruir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente”. Todavia, é importante notar que esta categoria nem aparece em uma mesma cerimônia.

Reconhecendo a importância do estudo de Gennep, Da Matta argumenta que:

A grande descoberta de Van Gennep é que os ritos, como o teatro, têm fases invariantes, que mudam de acordo com o tipo de transição que o grupo pretende realizar. Se o rito é um funeral, a tendência das sequências formais será na direção de marcar ou simbolizar separações. Mas se o sujeito está mudando de grupo (ou de clã, família ou aldeia) pelo casamento, então as sequências tenderiam a dramatizar a agregação dele no novo grupo. Finalmente, se as pessoas ou grupos passam por períodos marginais (gravidez, noivado, iniciação, etc.), a sequência ritual investe nas margens ou na liminaridade do objeto em estado de ritualização (DA MATTA, 1978 p. 18).

Neste sentido, para clarear melhor o que disse a respeito de Gennep, Da Matta apresenta três momentos diferentes da vida social em que as fases de um ritual aparecem claramente. É no funeral, no deslocamento do indivíduo para um grupo diferente do qual fazia parte e nos períodos marginais porque passam alguns indivíduos, que se visualizam as três fases de um ritual conforme Gennep. No funeral, percebe-se a primeira fase, que é a separação; no segundo exemplo, mudança de grupo, percebe-se a *agregação* da pessoa ou grupo por parte dos integrantes da comunidade que os recebe, e por fim, os períodos marginais, aqui entendidos como “gravidez”, “noivado” e “iniciação”, por exemplo, onde esses indivíduos permanecem por algum tempo às “margens” ou “liminaridades”.

Ainda dentro desse mesmo pensamento, Turner (2005), que fora influenciado por Vann-Gennep, entende ritual como um “[...] comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos.” (TURNER, 2005 p.49). Para melhor esclarecer a questão ritualística, nos é dado por ele um exemplo de ritual em que se pode evidenciar um pouco da cultura de um povo. O *Wubwang’u* é um ritual Ndembo efetuado em benefício de uma mulher que espera ou teve filhos gêmeos. Nessa sociedade, o nascimento de gêmeos traria dois problemas: um de ordem econômica e o outro de ordem estrutural. No primeiro caso, por se tratar de uma sociedade relativamente pobre, fica difícil pra uma mãe providenciar alimentos para duas crianças, o outro problema consiste no fato de existir somente um espaço a ser ocupado nos grupos de parentesco, onde o indivíduo tem acesso pelo nascimento. “A gemelaridade² contudo apresenta os paradoxos de que uma realidade fisicamente dupla é

² Segundo Turner (1974), as sociedades africanas resolviam o “dilema” da gemelaridade de várias “maneiras”. Em algumas, os gêmeos nascidos em famílias de nobre eram mortos. Entre os Núeres, os gêmeos eram tratados como uma

estruturalmente única, e aquilo que é misticamente uno ser empiricamente duplo”. (TURNER, 1974 p.63).

Na sociedade Ndembo, onde Turner (1974) examinou o ritual *Wubwang'u*, o nascimento de gêmeos é visto como benção e ao mesmo tempo como uma maldição, a preocupação do grupo repousa sobre o “bem-estar da pessoa que é objeto do ritual,” ou seja, a mulher que espera ou teve um filho gêmeo. Sendo assim, entende-se que a finalidade do ritual é reprimir o nascimento de duas crianças ao mesmo tempo, dada as condições econômicas e estruturais. A partir do exemplo aqui discorrido, é possível perceber que o ritual revela valores, sentimentos e ações peculiares de uma sociedade, ou seja, aponta muito sobre o *ethos* de um povo. É preciso relatar que devido às difíceis condições econômicas e a crença que a gemelaridade traz infelicidade, o número de infanticídio é comum. (BAUMANN, *apud*, TURNER, 1974 p.63). Desse modo, compreende-se que o ritual evitaria o nascimento de duas crianças, ao mesmo tempo em que, evitaria um drama social maior.

Ao fazer a apresentação da obra *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*, Lygia Sigaud informa que Leach (1996 p. 32), também deu a sua contribuição a respeito dos rituais. Assim, o estudioso concebeu ritual “[...] como uma linguagem por meio da qual indivíduos e grupos dizem coisas sobre a ordem social: explicitam as ficções sociais.” O antropólogo, não concebia mito e rito como a antropologia britânica que, através de autores como Malinowski e Durkheim, por exemplo, entendia e enxergavam o mito e o rito distintamente um do outro. Leach entendia e concebia mito e rito como sendo a mesma coisa e, portanto, um não estava dissociado do outro; isto é, “[...] rito e mito queriam dizer a mesma coisa [...]” (CRUZ, 2012 p.83). A partir do entendimento da antropologia inglesa, “[...] o rito é uma dramatização do mito, o mito é a sanção ou a justificativa do rito” (LEACH, 1996, p.76).

Todavia, de acordo com a compreensão de Leach (1996 p.76) o mito era visto como “[...] afirmação em palavras [...]”. De igual modo, o ritual anuncia o equivalente quando é visto “[...] como uma afirmação em ação”. Neste sentido, no intuito de se fazer melhor compreender argumenta que se traçasse “um diagrama grosseiro” de uma imagem que retratasse um automóvel e num quadro anotasse “[...] embaixo ‘isto’ é um carro [...]”, ambas as informações diriam a mesma coisa. Assim entendendo, a partir da compreensão de Leach, averiguada por Peirano “[...] o ritual era um complexo de palavras e ações e o enunciado de palavras já era um ritual. O ritual tornava-se, assim, linguagem condensada e, portanto, econômica, e o primitivo, um homem sagaz e engenhoso” (PEIRANO, 2000 p.7).

só pessoa e simbolizam pássaros; já em outras sociedades, os gêmeos eram afastados do sistema de parentesco do qual faziam parte e lhes era conferido um lugar sagrado. Em outras sociedades, uma das crianças era morta porque simbolicamente eram tidas como ônus para o grupo. Enfim, cada sociedade encontrava uma maneira de lidar com essa questão.

Contudo, embora tenha e admita um modo específico de enxergar o ritual, Edmund Leach (1996) partilha do mesmo pensamento de Turner (2005) e Geertz (1978) ao evidenciar que o ritual tem relevante função na estrutura social, uma vez que é por meio dos símbolos aí dramatizados, que os sujeitos ou grupos percebem sua posição no interior da estrutura social da qual faz parte. Isto posto, compreende-se que o ritual determina ordem impedindo a anarquia do grupo, e acrescenta:

[...] se quisermos evitar a anarquia, os indivíduos que compõem uma sociedade devem de tempos em tempos ser lembrados, pelo menos em símbolos, da ordem básica que presumivelmente guia suas atividades sociais. Os desempenhos rituais têm essa função para o grupo participante como um todo; eles tornam momentaneamente explícito aquilo que de outro modo é ficção (LEACH, 1996 p.78).

Pelo exposto é possível perceber a importância dos rituais no contexto social em que estão os indivíduos, seja no campo religioso ou fora dele, esse fenômeno pode evidenciar uma sociedade com suas peculiaridades, que de acordo com o pensamento de Peirano (2003 p.51) assiná-la valores clareando aqueles que parecem invisíveis ou esquecidos pelo grupo de uma dada sociedade e assim, por meio deles enxergam-se seus aspectos fundamentais como, por exemplo, o modo que vive seu povo, como pensa e se transforma “o que não é pouco”. Entretanto é importante destacar que para que essas sociedades sejam evidenciadas com tanta clareza nos rituais, é necessário um símbolo. Aqui entendido como uma força que opera em benefício da ordem social, sendo oportuno nos debruçarmos sobre ele.

De acordo com o pensamento de Turner (2005), os símbolos rituais não devem ser examinados dissociado da estrutura social, tendo em vista que eles exercem relevante função de ajustar e regular as sociedades a partir dos rituais. Isto é, compreende-se que os símbolos operam como uma força em benefício das ordens estruturais do grupo. De acordo com Cruz (2012 p.80), o processo de ajustamento social se dá por meio “[...] da dramatização dada pelo símbolo nos rituais, onde a comunidade assiste e relembra seu papel dentro da estrutura social”. Por esse ponto de vista, constata-se que os símbolos, “[...] estão essencialmente envolvidos com o processo social [...]”. Percebe-se, pois, que “[...] o símbolo ritual transforma-se em um fator de ação social, em uma força positiva num campo de atividade [...]” (TURNER, 2005 p.49).

Assim compreendido, Turner (2005) pôde averiguar que os impulsos produzidos pelos símbolos para uma ação social acontecem, uma vez que, a eles são atribuídos “poder” e “autoridade”, portanto, eles têm verdadeiramente competência para nortear os grupos e os indivíduos que com ele mantiverem/mantem contato e, assim, eles os conduzem a uma direção desejada. Por serem portadores de uma potência, pressionam os indivíduos de uma comunidade a

realizar uma conduta que efetivamente se deseja. “Os símbolos, em resumo, têm uma função oréctica (orectic) quanto uma função cognitiva. Eles produzem emoções e expressam e mobilizam desejos.” (TURNER, 2005 p.90).

Por esse viés, entende-se o quanto a função do símbolo é relevante na vida como um todo e, é pois, dentro da esfera do ritual, que ele torna “visível” o que muitas vezes parece invisível; “torna patente o que não é”. Assim percebido, entende-se que uma das funções executadas pelos símbolos conforme Turner (2005), “[...] é fazer visível, audível e tangível crenças, ideias, valores, sentimentos e disposições psicológicas que não podem ser percebidas diretamente” (TURNER, 2005 p. 84).

Entre as muitas informações que nos é apresentado por Turner (2005), ainda há uma que não se pode deixar de mencioná-la em virtude de sua importância; trata-se das propriedades dos símbolos rituais que ele dividiu em três e são: condensação, unificação de significados díspares e a polarização de significados. “A primeira propriedade consiste em um mesmo símbolo representar ao mesmo tempo mais de uma coisa ou ação [...]”; já em se tratando da “[...]segunda propriedade, a *unificação de significados díspares*, consiste, em virtude de suas qualidades, reunir ideias e acontecimentos variados”. Enquanto a *polarização de significados* – última propriedade, mas não menos importante “[...] está dividida em dois pólos: *pólo ideológico e o polo sensorial* (CRUZ, 2012 p.81). No tocante ao polo ideológico Turner explica que “[...] encontra-se um agregado de significata que se referem aos componentes da ordem moral e social [...]” (TURNER, 2005 p.59). Neste sentido, entende-se, pois, que é no pólo ideológico que se acham os princípios que conduzem e, portanto, regula sociedade como um todo. Já no segundo polo, chamado por Turner de sensorial, “[...] os significata são, usualmente, fenômenos e processos naturais e fisiológicos”. (TURNER, 2005 p.59). Sendo, portanto, compreendido como sendo algo exterior ao símbolo.

Citando Geertz (1978), que discute, entre outros assuntos, a importância dos símbolos na vida social como um todo, Cruz (2012 p.81) aponta “[...] que um sistema de crenças é constituído por uma variedade de símbolos, que transmitem ritualmente como verdadeiros, um ensinamento de como o homem deve se portar em sociedade”. Contudo, os indivíduos que de algum modo suspeitam de tais princípios são tidos pelos restante do grupo “[...] como estúpidos, insensíveis, ignorantes ou, em caso de infração extrema, como loucos” Geertz (1978 p.146-149). Desta forma, acredita-se que da mesma maneira que em Victor Turner, os símbolos são próprios para ajustar um mundo desejável, pois nos “[...] rituais sagrados e nos mitos, os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular.”

Partindo da constatação feita por Geertz (1978) a respeito dos símbolos, notou-se que os indivíduos e/ou grupos são dependentes dos símbolos, uma vez que, eles atuam de maneira a guiar

suas vidas. Assim entendido, o homem acredita que sem eles suas vidas seriam um caos, portanto, podem viver sem muitos outros bens, menos sem os símbolos; neste sentido,

“[...] o homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mesmo mais remota de que eles são capazes de enfrentar um ou outro aspecto da experiência provoca nele a mais grave ansiedade”. (GEERTZ, 1978 p.114).

Conforme o entendimento de Geertz (1978 p.143), o universo religioso oferece uma variedade de símbolos por meio dos quais pode ser compreendida a miúdo um povo, assim como sua visão do mundo. Por esse viés, compreende-se que, “[...] a religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana”. Com base nesse entendimento, Cruz (2012 p.82) informa que Geertz buscou esclarecer *ethos* “[...] como uma conceito que define um povo [...]”, que portanto, “[...] engloba aspectos morais, valores, modo de vida particular de um grupo, e a visão de mundo que consiste no conhecimento que se tem sobre si, as coisas e a sociedade na qual o indivíduo está inserido”. Entende-se que a dramatização dos símbolos na esfera do ritual religioso ou não, oferece aos seus participantes, as regras, os modos para se comportar na sociedade na qual está inserido e faz parte. “Dessa forma, os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia com uma estética e uma moralidade” (GEERTZ, 1978 p.144).

Ontem e hoje os rituais transmitem legados e, portanto, não devem ser apontados como algo que ficou preso ao passado como creem alguns dos nossos contemporâneos. Eles, como muitos outros elementos presentes em uma dada sociedade, não se petrificam, mas se ressignificam ao longo do tempo, ganhando novos contornos.

É notório em todas as sociedades, exemplo claro e visível está nos ritos de batismo por que passa toda criança cristã, que só é tida como integrante de uma determinada sociedade após esse ritual de iniciação. Ou no caso dos judeus e muçulmanos que passam pela circuncisão para nascerem pra sociedade que acredita nestes ritos. Há ainda uma variedade de rituais por que passam os indivíduos nas diversas sociedades atuais como: festas de quinze anos, noivado, casamento, funeral e as diversas bodas, por exemplo. A partir de cada evento ritualístico é possível identificar um povo e uma época, pois se tomarmos o casamento ou o funeral como modelo para explicar os rituais, vai se perceber que esses tipos de cerimônias se diferenciarão ao logo do tempo nas mais diversas sociedades e, desse modo, poderá se visualizar a identidade de um povo pelos ritos e símbolos por eles executados, pois é a partir deles que o grupo social percebe-se e se encontra. Nesse sentido, “[...] o emblematismo, necessário para permitir que a sociedade tome consciência de si, não é menos indispensável para assegurar a continuidade dessa consciência” (DURKHEIM, 2003 p.241).

Considerações Finais

O presente ensaio teve por objetivo mostrar a importância dos rituais, bem como dos símbolos neles dramatizados. A preocupação surge a partir do momento que se evidencia, nas sociedades atuais, aqueles que não enxergam seu verdadeiro significado e, portanto, a importância que existe nos rituais. Assim, para muitas pessoas, os rituais são vistos apenas como um evento histórico preso num tempo, ou ainda um acontecimento formal e muitas vezes restrito apenas ao universo religioso, sendo em alguns casos, considerados vazios e desinteressantes, ou seja, sem nenhuma importância maior. Entretanto, pelo exposto fica claro que todo ritual tem importância significativa para sociedade no qual ele é executado, tendo em vista que é a partir dele que se pode conhecer melhor um pouco de um dado grupo em particular, com suas peculiaridades; uma vez que, ele não é a única forma de se conhecer um grupo social, mas um dos meios a partir do qual se pode conhecer uma sociedade.

Ademais, de acordo com o pensamento de Turner (1974), os rituais são importantes porque apontam e resolvem dramas sociais, despejando a partir de sua linguagem, seus aspectos morais, seus valores, enfim o modo de vida particular de um grupo, com sua visão de mundo que consiste no conhecimento que os indivíduos têm sobre si, sobre as coisas e a sociedade na qual o indivíduo está inserido. Neste sentido, pode-se afirmar que eles não ficaram presos num tempo, mas acompanha o ser humano em sua trajetória, sendo assim, é evidente que ele transmite um legado que não é sem importância ou até mesmo vazio, como pensam alguns, mas está permeado por uma linguagem repleta de símbolos que é compartilhada por aqueles que estão por ele envolvidos.

Sendo assim, de acordo com Durkheim (2003), em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, os símbolos são importantes na estrutura social, uma vez que são por meio deles que os indivíduos de um determinado grupo, mantêm vivas em suas lembranças os sentimentos sociais manifestos no âmbito da consciência coletiva. Pois, enquanto os homens estão reunidos cooperam de um mesmo sentimento social e, após a dispersão, os indivíduos passam a ser guiado por sua consciência individual e os valores transmitidos durante as efervescências coletivos podem pouco a pouco ir se apagando, carecendo, pois, dos símbolos para lhes fazer lembrar dos valores expressos durante nos momentos vividos dentro da esfera coletiva. Aqui os símbolos são entendidos como elemento que tem poder de manter as lembranças vivas e a estrutura social coesa, uma vez que eles possuem uma ordem que guia a vida social conforme nos orienta Leach (1996).

Conclui-se, pois, evidenciando que o assunto aqui discorrido, não se encerra neste breve ensaio, muito ainda tem a se dizer, contudo, de acordo com Peirano (2003), é por meio do ritual e de

toda a sua simbologia que é possível perceber um aglomerado de peculiaridades que não poderia se evidenciada senão por meio deles, neste sentido ele é indubitavelmente de grande relevância, pois identifica um povo com todas as suas peculiaridades.

Referências Bibliográficas

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CRUZ, Eval. *Sacerdotisa em Laranjeiras/se: trajetória e recursos na ocupação de um espaço de poder e dominação*. Dissertação – Universidade Federal de Sergipe –, São Cristóvão, 2012.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editoras Vozes, 1978.

LEACH, Edmund Ronald. *Sistemas políticos da alta Birmânia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

PEIRANO, Mariza G.S. *A Análise Antropológica de Rituais*. 2000. [Serie270empdf](https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espy=2&ie=UTF8#q=PEIRANO%2C+Mariza+G.S.+A+An%C3%A1lise+Antropol%C3%B3gica+de+Rituais). Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espy=2&ie=UTF8#q=PEIRANO%2C+Mariza+G.S.+A+An%C3%A1lise+Antropol%C3%B3gica+de+Rituais>. Em 23/12/2018.

_____. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

TURNER, Victor W. *Floresta de Símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: Editora da universidade Federal Fluminense, 2005.

_____. *O processo ritual estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

DA MATTA, Roberto. Apresentação da obra os Ritos de Passagem. In: GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editoras Vozes, 1978.

SIGAUD, Lygia. Apresentação da obra Sistemas políticos da alta Birmânia. In: LEACH, Edmund Ronald. *Sistemas políticos da alta Birmânia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

Recebido em: 23 de abril de 2019
Aceito em: 31 de dezembro de 2019